REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4$000	2$000	—$—	—$—
Estrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 864

20 DE SETEMBRO DE 1902

Redacção – Atelier de gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 35

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva

DR. RODRIGO OCTAVIO LANGGAARD
DE MENEZES

CHRONICA OCCIDENTAL

Os dois casos de maior importancia n'estes ultimos dias foram as victorias dos portuguezes no Barué e no Bailundo e a queixa que houve contra duas senhoras do Porto que se metteram com uns agiotas.

Parece que nada tem uma coisa com outra; mas, como agiotas os ha por toda a parte e soldados como os nossos são muito raros, não podemos deixar de nos lembrar do que a agiotagem em muitos jornaes estrangeiros tem dito de Portugal e como este paiz sabe responder ás calumnias.

Os agiotas de que se trata agora creio que não são amigos do nosso amigo Reillac e companhia, contentando-se com emprestar nos seus pregos a tres, quatro, e talvez seis e oito por cento ao mez sobre joias e roupas.

Mas assim é que se começa e continuem elles no caminho, muito protegidos pelo codigo, e nós veremos d'aqui a alguns annos o que mais vale para a consideração de todos, se um gilvaz apanhado em Africa combatendo negros crueis, se meia duzia de contos muito ao abrigo da lei ganhos a explorar a miseria. Para o soldado a fome e o despreso, a esmola de rasos; para o outro as commodidades e muita consideração e muita chapelada de todos.

Temos visto muita vez, ultimamente, o muito despreso com que os agiotas extrangeiros, tão bons como os nossos, teem tratado o nosso paiz em cartazes e artigos publicados em jornaes pouco escrupulosos. São joias da corôa empenhadas e até a propria corôa, é a Africa vendida aos inglezes, são os allemães a cubiçarem o que sobeja. Até clows no Circo fazem troça da miseria portugueza.

Aos agiotas avidos de dinheiro juntam-se frequentemente alguns fanfarrões do paiz visinho, que nem sempre, como era de seu dever em vista da sympathia que tanta vez por elle temos demonstrado, nem sempre deixa de mostrar seu despeito inventando ou dando curso aos maiores despauterios insultantes.

Ainda nos lembra, quando Portugal mostrava o maior interesse pela Hespanha, por occasião da guerra de Cuba, a caricatura que lá publicaram e em que o nosso paiz era representado por um aleijado com o distico seguinte: Sou neutral.

Na França, na Allemanha, na Belgica tambem nos não poupam.

Lembram-me agora uns versos de Victor Hugo que talvez possamos repetir com mais razão do que elle teria quando os escreveu:

C'est afin de pouvoir l'égorger qu'on l'insulte.
La calomnie ayant pour but l'assassinat.

Sejam elles quem fôr, que nos deve importar? Respondem melhor que quantos artigos em gazetas, ás insidias d'uns, ao riso alvar dos outros, o que dos soldados portuguezes nos communicam o governador da Zambesia e o governador geral de Angola.

A campanha do Barué pode julgar-se terminada e anniquilado o poder do Macombe.

Do Bailundo são as noticias tão animadoras que, muito provavelmente, em vista das perdas do inimigo e a retirada do gentio para o interior, brevemente a victoria definitiva nos será annunciada.

Então, todos os que quizerem continuar calumniando podem fazel-o á vontade, porque, pouco a pouco, o côro dos risos alvares dos ignorantes ha de ir diminuindo.

Pois não teriamos cá por Lisboa agiotas sufficientes, ainda hão de vir extranhos metter-se comnosco? Não seria bastante uma casa de penhores a cada esquina e seis mil agentes a subirem as escadas dos ministerios no dia um de cada mez, leilões a cada canto e recibos rebatidos a pôrem a faca ao peito de trezentos mil desgraçados?

Assim vão enriquecendo e com muito menos risco e portanto menos sympathicamente que os auctores dos roubos ultimamente commettidos, que esses, verdade seja dita, deram prova de fantasia e mais ou menos arriscaram a pelle.

Annuncia-se agora a chegada d'uma quadrilha, homens e mulheres bem vestidos, que exploram os comboios e os carros americanos. São uns patetas afinal; com meia duzia de mil réis a dez e vinte por cento ao mez, mais depressa caminhavam e enchiam-se de consideração. São d'outra qualidade, gostam da arte pela arte, de fazer figura uns com os outros, e a revolta contra o estabelecido nos codigos, mais dia menos dia, prega com elles na cadeia.

O celebre principe russo, auctor do roubo d'um album de estampilhas ao hespanhol, sr. Castilho, já está novamente em terras de Portugal e nos ferros d'Elrei. Diz-se, porém, que apparenta a maior serenidade e que não o abandona aquelle lindo ar de homem de muito boa sociedade com que soube intrujar toda a gente em sua curta passagem por Lisboa.

Um tolo. Fosse agiota.

E é o que de mais notavel houve cá mais perto, a não falarmos dos exercicios militares realisados nos arredores de Lisboa, nas serras entre Cintra e Mafra, que, como sempre succede, vão dando logar a varias discussões.

E' de fóra que nos tem chegado novidades de maior importancia, algumas que deram logar em certos meios a variadissimos commentarios.

Em todos os theatros se falou do caso passado no Rio de Janeiro entre o prudentissimo emprezario Affonso Taveira e a estrella da sua companhia, Angela Pinto. Os astros tambem tem seus vulcões, é sabido, e a Angela Pinto, que depois voltou á serenidade, teve lá dentro d'ella uma erupção tal qual a Martinica, conservadas as devidas proporções. A' data das ultimas noticias reinava outra vez a santa paz no theatro Apollo e aqui lemos nos jornaes quanto a actriz continuou a ser applaudida no desempenho da *Lagartixa*.

Os brazileiros são sempre amaveis com os artistas portuguezes. Não só os nossos actores encontram em terras do Brazil a maior protecção, mas em seu mercado muitos outros productos d'arte portugueza são apreciados como merecem.

Sabido é com que enthusiasmo Rafael Bordallo Pinheiro foi acolhido quando, ha annos, com outros productos de sua fabrica de ceramica, levou ao Brazil sua formosissima jarra Beethoven.

Coube ha pouco ao sr. Guilherme da Rosa o prazer de inaugurar a primeira sala de vendas de quadros portuguezes. O exito foi além do que era de esperar, e muitos quadros foram vendidos, as-

signados por Columbano Bordallo Pinheiro, Malhôa, Salgado, Carlos Reis e outros dos nossos melhores artistas.

Algumas criticas lemos em jornaes, justissimas em seus elogios, mas por isso mesmo mais jubilo nos dando a quantos sinceramente estimamos a gloria dos nossos pintores, em meio tão mesquinho trabalhando e produzindo como mestres.

Podemos afoitamente dizel-o, porque bem o teem demonstrado, sempre que hajam concorrido a certames no estrangeiro. Não é portanto nem amizade, nem patriotismo que nos cega.

Ainda na ultima exposição de Paris as recompensas distribuidas pelos artistas portuguezes foram muitas e das maiores. O esculptor Teixeira Lopes, os pintores Columbano e Salgado e a sr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro pelas suas rendas, alcançaram taes premios que foi gloria para o nosso paiz.

Console-nos ao menos das injustiças com que nos tratam certas quadrilhas de financeiros, o sabermos que fóra d'essa triste roda ha quem tenha pelos portuguezes a consideração que merecem.

O peor é que os portuguezes são quasi sempre dos primeiros a dizer mal dos seus artistas e das suas obras. A mania do estrangeirismo, de que tanto enfermamos, n'esse assumpto é onde mais se revela e tão evidente que basta um passeio em Lisboa ou seus arredores para de tal nos convencermos. Ao passo que os nossos mais bellos monumentos caem em ruinas ou são concertados e até emendados segundo a sciencia d'algum ignorante mestre d'obras, o estylo exotico do mais desgraçado gosto floresce em sitios encantadores, em Cintra, no Estoril, em Cascaes, em toda a beira do Tejo.

O artista portuguez, que tão bellas coisas poderia produzir, raras vezes é consultado e quanta vez o obriga a necessidade, submisso, a lisongear o capricho do ignorante que lhe promette um bocado de pão se a coisa saír a seu gosto.

E' este um grande mal e difficilmente se lhe encontrará remedio.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. RODRIGO OCTAVIO LANGGAARD DE MENEZES

Encontrasse ao presente em Lisboa este notavel publicista brazileiro que é seguramente uma gloria do seu paiz.

Vem de longe a sua carreira forense e litteraria, apesar de só ter 36 annos de idade, porque desde muito novo deu que fallar de si por suas obras, dando á estampa um livro de versos *Pampanos*, mal tinha concluido seu brilhante curso na Universidade de S. Paulo.

Este livro foi a revelação do poeta, e logo após elle outro veio *Poemas e Idylios*, que o confirmaram.

Nascido brazileiro gira-lhe nas veias sangue dinamarquez por parte de sua mãe, e d'ahi a actividade que o distingue de tantos seus conterraneos.

Estudando e investigando pelos archivos tem ido sempre escrevendo seus livros, e já conta numerosa bagagem, alem do muito que tem collaborado em revistas e jornaes, de que o não menos notavel trabalho, são os seus folhetins da *Gazeta de Noticias. O foro por dentro e por fóra*, sob o pseudonymo de *João das Regras*, e em Direito conta mais as seguintes obras: *Os successos de abril perante a justiça. — Acções, divisões e demarcações de terras. — Confronto das Constituições federaes e direito federal. — Dominio da União e do Estado*, que lhe valeu uma medalha de ouro conferida pelo Instituto de Advogados Brazileiros.

Desde 1893 que o dr. Octavio rege a Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

E' socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Academia Nacional de Historia de Venezuela e outros estabelecimentos scientificos da America.

Trouxe-o agora a Portugal o amor da familia, pois veio visitar sua irmã a ex.ma Sr.ª D. Hermannne Langgaard esposa do sr. M. da Silva Pantes dignissimo consul do Brazil, em Lisboa.

AS MANOBRAS MILITARES DO OUTOMNO

Principiaram no dia 4 do corrente as manobras militares do outomno pela segunda divisão, composta de uns cinco mil homens, nos campos de Vizeu.

No dia 1 de manhã cedo, no Campo de Santa Cruz houve uma missa campal a que assistiu a terceira brigada, sob o commando do general Azevedo Coutinho, um dos heroes das campanhas d'Africa.

Foi imponente o espectaculo que o vasto campo de Santa Cruz, Offerecia como se pode ver pela gravura que publicamos.

Os exercicios realisaram-se no dia 4 e 5 sendo o thema uma invasão pelo valle do Mondego.

Formou se a hypothese de que uma invasão entrava pela fronteira entre Almeida e Guarda dirigindo-se para o valle do Mondego, a que se oppunham forças destribuidas por Celorico, Mangualde e Ceia.

Todos os movimentos das forças de ataque e de defeza se realisaram com precisão e admiravel disciplina, desenvolvendo-se grande enthusiasmo de parte a parte nas brigadas, como se effectivamente os soldados estivessem em frente do inimigo.

O ministro da guerra que chegou ás 10 horas assistiu, a cavallo, do alto do Picoteiro nos exercicios, acompanhado pelo general Caldeira commandante da divisão, e por todo o estado maior.

As manobras da primeira divisão realisaram-se nos dias 11 a 14 nos arredores de Lisboa, entre Mafra e Cintra.

Os exercicios apresentavam certa novidade, pois que figuravam dois partidos em lucta livre, por assim dizer entregues ás circumstancias d'occasião.

O plano geral, supunha que o partido norte, commandado pelo coronel Honorato de Mendonça e composto de cavalleria e artilharia de montanha, era a avançada de um corpo de exercito, que occupava Torres Vedras e pretendia reconhecer as linhas de Lisboa, entre Mafra e Cintra. O partido sul commandado pelo coronel Gama Lobo tinha que impedir esse reconhecimento e manter-se na defensiva.

As forças combatentes compunham-se de cerca de 4:000 homens e apesar do tempo estar chuvoso os soldados resistiram bem e portaram-se com a costumada disciplina.

A estas manobras assistiram El-Rei D. Carlos, o principe real, ministro da guerra e o respectivo estado maior.

Em resumo as manobras d'este anno deixaram boa impressão, satisfazendo plenamente os mais exigentes.

A REGATA LEIXÕES-CASCAES

Foi no domingo 10 do corrente que se realisou a regata em Leixões a que concorreram barcos de Lisboa.

A regata perdeu uma parte do seu encanto, por que o dia esteve sombrio e chovoso e só mais tarde se desanuviou, o que não impediu que a affluencia de espectadores fosse grande.

Pela 1 hora da tarde deu-se principio á regata, tomando os barcos contendores as suas posições. Em consequencia da calmaria, foi resolvido incurtar as balisas o que diminuiu a distancia a percorrer, afim de a regata não entrar pela noite.

Ao signal de partida largou impavido o *Yacht Lia* de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, o qual desde logo ganhou deanteira sobre o *Vivandière* do sr. Alfredo O'Neill e *Dinorah*. Houve um momento em que a *Vivandière* alcançou vantagem sobre o *Lia*, mas este depressa avançou na volta por fóra das balisas, manobra que foi admiravelmente executada.

Só pelas cinco horas terminou a regata dando entrada no porto de Leixões o *Lia* vencedor.

Nas corridas de barcos de segunda classe ganharam os premios, a *Daicy*, do sr. Alberto Kendall e a *Bellona* do sr. Franck Raves.

A distribuição dos premios fez-se na sala do Club de Leça que estava revestido de galas e onde, entre festões de hera, se liam os nomes dos barcos que tomaram parte na regata.

Visitas d'El-Rei D. João V á Inquisição de Evora

(Concluido do n.º 833)

No dia seguinte, 14, partiu El-Rei de Evora, e, chegadas as duas familias reaes perto das fronteiras, esperou a portugueza em Elvas e a hespanhola em Badajoz o da entrega das princezas, cerimonia que teve logar a 19, encontrando se ambas as côrtes no palacio que já dissemos se edificára no Caia. Nos dias seguintes houve mais duas entrevistas, e, feitas as ultimas despedidas, o Rei Catholico partiu para Sevilha, e ElRei D. João V para Lisboa, descansando em Evora, onde entrou a 1 de Fevereiro pela uma hora da tarde, até 9.

«Na volta que Sua Majestade fez do Caia por esta cidade (continúa o documento), depois de estar n'ella ordenou ao dito notario Thomaz Feyo Barbuda que dissesse ao dito inquisidor da primeira cadeira que queria tornar a vir ver os carceres da Inquisição, e que havia fazer a sua entrada pela porta do alcayde dos mesmos, como da primeira vez; e com effeito lhe deu este recado da parte do mesmo senhor em sexta feira 4 do mez de Fevereiro de manhan, dizendo que pela uma hora da tarde queria Sua Majestade vir ver os carceres occulto, pela porta do alcayde, acompanhado d'elle e do physico-mór, e lhe ordenava lh'o fizesse a saber da sua parte; ao que respondeu que estava prompto para fazer tudo que lhe ordenava.

«A' uma hora da tarde em ponto foi o dito inquisidor esperar Sua Majestade á porta do alcayde dos carceres, e, logo que esta deu, immediatamente entrou Sua Majestade acompanhado do dito notario somente, ainda que mais depois veiu o physico mór; ahi o recebeu o dito inquisidor com a devida reverencia e lhe beijou a mão.

«Foi logo ver os corredores debaixo, e os correu todos á roda com muito vagar; mandou abrir alguns dos carceres que estavam desimpedidos, e, entrando em alguns, em dois ou três mandou fechar a porta de grade de cada um d'elles por fóra, mostrando que queria ver se os presos participavam das frestas e luz que bastava. Tambem procurou saber os carceres que tinham presos, e, mostrando-se-lhe dois carceres que estavam com presos, procurou por que culpas o estavam; e o dito inquisidor lhe disse que estavam presos por culpas de judaismo; e logo ordenou que lhes fallasse e fizesse algumas perguntas, para o que se mandaram abrir as portas dos ditos carceres, e lhes fallou a ambos, usando das mesmas perguntas geraes já mencionadas, estando Sua Majestade ao mesmo tempo a uma ilharga, sem que os presos o pudessem ver, ouvindo as perguntas e respostas que os mesmos davam, e, vindo já andando, disse que lhe parecia serem cavillosos nas respostas que deram.

«Procurou mais onde estavam os carceres da Custodia, e logo se lhe foram mostrar, em os quaes entrou e disse que n'aquelles carceres não achava differença dos outros; a que o dito inquisidor respondeu que pouca differença havia, excepto em estarem fóra dos corredores, mais perto da porta dos carceres, e que os culpados quem' elles se prendiam eram por differentes culpas, e, quando estas requeriam mais exame para se apurar a verdade. Logo que viu os taes carceres, se poz virado com o rosto para a porta principal dos carceres, olhando pelo oculo que a tal porta tem para o pateo, por onde se vêem todas as portas que ha n'elle. Perguntou que portas eram aquellas e para onde tinham a sua serventia; e vem a ser a porta que vae para a casa do dispenseiro, que fica fronteira á porta dos carceres, a do Thesoiro do Fisco que fica junto á mesma, no canto da parte direita, e no meio da mesma parte a porta principal da Inquisição, e no outro canto da parte esquerda junto da dos carceres a da dispensa.

«D'ahi foi logo á Casa do Tormento, a qual esteve vendo com muito vagar e tudo o que n'ella havia que ver; abriu os Evangelhos que estam no topo da casa da Mesa, e notou serem de lettra gothica. Perguntou que insignias eram umas que viu na mesma casa, e se lhe disse que eram duas golilhas e duas algemas de ferro, com que se costumaram prender os loucos, quando estes padeciam furor, e uma mordaça de ferro, que já não tinha serventia, e uma carocha. Perguntou mais aonde se dava o tormento de polé e pôtro, que tudo estava á vista, e se lhe mostrou um e outro logar; quiz ver fazer a experiencia em ambos os logares, para o que o dito inquisidor mandou vir dois guardas, e lhes ordenou que fizessem a experiencia do modo por que se costumava a dar o tormento; o que executaram, assentando-se o guarda Antonio da Costa no pôtro; e o guarda Manuel Rosado fez menção de o executar; então o atou com a correia costumada, que está presa a uma argola da parede, apertando-o com ella pela cintura, e, cruzando-lhe os braços, lh'os atou com o cordel, dando-lhe algumas voltas, e o deitou sobre o pôtro, pondo-lhe a colleira e explicando as mais partes em que costumavam atar-se os cordeis. Feita esta experiencia, se fez tambem na polé, e, estando sentado o dito guarda An-

tonio da Costa no banquinho costumado, lhe metteu o guarda Manuel Rosado o calabre por baixo dos braços, e, atando lhe as mãos atraz com as correias, foi ao logar do sarilho a puchar o calabre; e estas experiencias foi para satisfazer os desejos de Sua Majestade, sem se lhe explicarem os graos do tormento e differença que havia d'elles; e, porque Sua Majestade perguntou que reos costumavam ir ao pótro, lhe respondeu o dito inquisidor que todos os reos condemnados a trato esperto, e d'ahi para cima. Ali mesmo na Casa do Tormento se deteve Sua Majestade falando no muito risco que tinha o tormento e d'alguns casos e fatalidades que tinham succedido n'elle.

«Acabada esta diligencia, veiu Sua Majestade ver o quintal do meio, e notou alguma imperfeição na obra dos carceres do corredor de cima, por estes não terem a mesma correspondencia com os de baixo, porque medeia a varanda por onde se anda á roda, e esta é a que fica occupando o maior vão dos ditos carceres de baixo.

«Observou aonde uns e outros carceres tinham as frestas; tornou a andar á roda dos corredores e foi ver a roda da dispensa, por onde se administram as cousas necessarias que pedem os guardas para sustento dos presos; veiu aos corredores de cima; tornou a ir ver os carceres das vigias; no primeiro carcere posto de joelhos, como da primeira vez, esteve na primeira vigia vendo o que fazia o preso; ergueu-se, e, afastando-se para o logar aonde estava o dito inquisidor e mais pessoas já ditas, esteve em pé practicando ácerca das vigias, dizendo que para bem as testemunhas que vigiassem se não haviam de ver uma á outra no logar da vigia aonde se punham; e falou em alguns presos jejuantes que tinha havido, especialmente em um medico de Viseu, Antonio Rodrigues de Mesquita, que tinha morrido profitente da lei de Moysés na Inquisição de Coimbra; depois d'isto andou correndo as vigias, e contou os carceres d'ellas, e foi aos tôpos das mesmas, pondo se ás janellas que dizem para os telhados, e examinou para onde ficavam, desceu para baixo das vigias dizendo que queria ir ver as dos corredores de baixo, de que já tinha noticia, as quaes viu, e não lhe agradaram estas por serem apertadas.

«Passou logo a ver a Inquisição, e, tornando á primeira audiencia, (sic) esteve olhando pela janella que diz para o pateo, a tempo que ouviu tocar as caixas no palacio do arcebispo, e então disse: já sahe a rainha. Logo veiu ao corredor que faz serventia para a Mesa, reparou em um recanto que faz o tal corredor e quiz ver aonde ficava mettido, e no vão do mesmo está a necessaria, o que se lhe disse; e para ver mais á sua vontade o que queria, foi á sala grande que fica nas costas do mesmo. Tornou a fazer oração no oratorio da Inquisição, aonde aceitou agua benta das mãos do dito inquisidor, d'onde veiu para a Mesa. Ahi andou abrindo todas as janellas, debruçando-se d'ellas para ver para onde ficavam, e em uma janella que cahe para o quintal do inquisidor Bernardino Cabral da Silva, vendo da mesma um corredor que fica por baixo de uma varanda, perguntou que corredor era aquelle, e se os corredores que ficavam por baixo da Casa da Mesa recebiam luz do dito quintal; ao que tudo satisfez o dito inquisidor, dizendo-lhe que os carceres recebiam luz da outra parte, e que o corredor era officina das casas do dito inquisidor.

«Acabando Sua Majestade de ver o que pretendia, lhe disse o dito inquisidor se queria ir ao Secreto ver alguns processos, como tinha dito da primeira vez, e por assim ser se tinham mandado desenlotar alguns antigos e outros modernos para se lhe mostrarem, se os pedisse.

«Entrou em o Secreto acompanhado das pessoas já ditas. Foi primeiramente ver uma taboa que está no vão da estante, da parte direita, que é um mappa das terras d'este districto manoscripto; leu a distancia que faz Portalegre d'esta cidade, e, porque n'este tempo se tirou uma das argolas por onde a mesma está suspensa, procurou que logo se puzesse na forma em que estava, para que se não conhecesse que n'ella se tinha bolido. No outro vão da estante da parte esquerda viu estar um letreiro de lettra de mão que diz o seguinte: Passou-se a Mesa e Secreto da Inquisição Velha para esta em os 19 de Dezembro de 1636 annos, sendo inquisidor geral o illustrissimo senhor bispo D. Francisco de Castro, e inquisidores d'esta Inquisição os senhores João Delgado Figueira e Bartholomeu de Monteagudo. A obra d'esta Inquisição mandou fazer o sobredito senhor bispo inquisidor geral D. Francisco de Castro, e estava vago o terceiro logar de inquisidor e o de promotor, e eram secretarios os licenciados Antonio Simões de Vasconcellos, Lopo Rodrigues Veladas, Sebastião Paes Viegas, Gaspar Rodrigues; o qual mandou trasladar logo pelo dito notario.

«Perguntou-lhe o dito inquisidor que processos queria ver e de que materias; inclinou-se mais a ver processos de judaismo e jejuns; sem embargo d'isso pretendeu o dito inquisidor mostrar-lhe o processo de frei Damião antigo que contem proposições, e pelo ver muito volumoso se enfastiou d'elle. Por ter Sua Majestade da primeira vez que veio á Inquisição falado muito no caso das testemunhas falsas que deu Francisco de Sá e Mesquita contra as pessoas de Beja, exaggerando que não podia saber os motivos que o mesmo teve para isso, por assim ser e parecer ao dito inquisidor que gostaria de ver alguns processos tocantes a esta materia, lhe mostrou o processo de Francisco Lopes Henriques, christão novo, de Beja, que foi absoluto da instancia, e mandou logo ler o assento que se tinha tomado sobre o mesmo processo, o qual lhe leu todo e ouviu com attenção. Perguntou qual foi o maior fundamento que a Mesa teve para julgar ao dito Francisco Lopes Henriques absoluto da instancia; e então lhe disse o dito inquisidor que os fundamentos maiores eram não ter parecido João Manuel de Andrade testemunha dos ajuntamentos, haver grandes indicios de que este fora o mesmo Francisco de Sá e Mesquita, e coarctar o preso o tempo e logar da culpa, e, juntos com os mais indicios, se mostrava com evidencia a falsidade que tinha machinado o dito Francisco de Sá e Mesquita.

Depois lhe mostrou o processo de João Alvares Castro, contra quem testemunhou tambem o dito Francisco de Sá e Mesquita; mas foi convicto pela prova da justiça, por ter contra si mais prova de testemunhas e de cerimonias que fez nos carceres no tempo em que esteve preso, e, sendo confesso, foi recebido. Mandou logo ler os primeiros testemunhos das vigias, que são do solicitador Braz Ribeiro da Fonseca e do meirinho João Vidigal Salgado, e se admirou das muitas orações que estes depoem nos mesmos, por serem muitas e dilatadas todas, e disse que lhe parecia incrivel poderem percebel-as assim, e mandal-as á memoria no tempo das vigias; o dito inquisidor lhe disse que em substancia aquellas eram as mesmas orações, ainda que discrepassem em alguns accidentes. Para se tirar d'esta duvida se poz a ler as confissões que fez o dito João Alvares Castro, e achou que algumas das orações que se conteem n'ellas concordavam com as dos ditos testemunhos, e se aquietou mais. Leu tambem parte do segundo libello, por ter sido accusado por diminuto; reparou em ser accusado segunda vez e em se lhe declarar nos artigos d'elle o tempo; respondeu o dito inquisidor que os reos se accusavam de novo, quando estavam diminutos em parte substancial ou em algumas circumstancias aggravantes das culpas, para saberem que eram por ellas arguidos e poderem melhor tratar da sua defesa, e que nos libellos havia differença, porque aos negativos se lhes faziam as perguntas sem se lhes declarar o tempo, e pelo contrario aos confitentes se lhes costumava declarar, por estes serem mais dignos de favor do que aquelles. Leu mais o assento da Mesa, e n'elle notou que dizia um dos autos que a presumpção que resultava ácerca do que depunham as testemunhas das vigias era presumpção *hominis*; logo ahi perguntou ao dito inquisidor que lhe parecia; ao que respondeu que a palavra era digna de se notar. N'este tempo perguntou mais se o Santo Officio tinha occupado a Manuel da Motta algumas vezes e nomeado para assistir nas vigias, porque elle lh'o dissera, e que tomara ver os seus testemunhos que deu n'este particular; o dito inquisidor lhe disse que lhe não constava de tal e que entendia podia ser equivocação sua, porque no tempo em que elle assistiu n'esta cidade de Evora era muito moço e familiar moderno, e que para similhantes diligencias se chamavam os mais velhos e antigos; gabou Sua Majestade o seu talento e capacidade e não se despersuadiu com esta resposta; para o socegar lhe disse então o dito inquisidor, que, se tinha sido chamado algumas vezes, seria para vigiar uma presa chamada D. Maria da Silveira da Gama, que foi jejuante e se lhe tomaram jejuns; immediatamente ordenou que buscasse o tal processo; e por serem já ave-marias se mandou vir luz, que trouxe o porteiro, que estava na saleta; e Sua Majestade andou juntamente com o dito inquisidor buscando, indo lendo alguns rotulos dos maços, e, achando-se o processo, mandou ver os nomes das testemunhas que tinham sido de jejuns, e se alguma era o dito Manuel da Motta; mas não se descobriu, e assim ficou na mesma duvida.

«Sendo a estas mesmas horas, esteve em pé junto á mesa grande, onde escrevem os notarios, praticando com o dito inquisidor e mais pessoas já ditas, e foi referindo alguns casos de presos que sabia, e figurou este caso: que uma presa, depois de ter confessado, e lhe parece que disse ser Brites de Oliveira, estando diminuta no tempo *a parte antea*, por esta diminuição fora relaxada; e disse ao dito inquisidor que lhe parecia; ao que respondeu que ordinariamente costumava o Santo Officio receber similhantes presos, sem embargo da tal diminuição: mas que tal podia ella ser e taes as circumstancias do caso que assim o pedisse. Figurou outro caso de um preso chamado José Antonio, que, tendo sido relaxado pela Inquisição de Lisboa, fora mandado reservar, entendendo-se estar louco, porque um padre, que lhe assistiu nas vesperas do auto á noite, veiu dizer á Mesa que elle o despedira, dizendo-lhe que o não inquietasse, que queria dormir, no qual porém, fazendo-lhe a Mesa varias diligencias sobre a sua capacidade, e estando como tolhido dos pés, pois se não ergoia nunca do logar em que estava, um medico dos carceres chamado Manuel Baptista, para o experimentar, lhe deu o parabem de a Mesa o ter mandado soltar, o que tal não havia, e que, tanto que ouviu o que o medico lhe disse, se ergueu logo do logar em que estava e poude vir á Mesa, e, porque o não soltaram, como elle entendia, de repente tornou ao mesmo estado antigo, como se fosse aleijado; sobre o que o dito physico-mór começou a fazer o seu juizo e discurso, dizendo que o tal preso não era louco, mas fingido, fundando-se no dolo e malicia com que se houve nas taes occasiões, ao que Sua Majestade se inclinou tambem; e então perguntou a elle dito inquisidor que lhe parecia o que votaria n'este caso; ao que respondeu que os loucos em algumas occasiões costumavam fazer acções em que mostravam ter juizo e capacidade, sendo que em outras o não mostravam ter, e que para votar era necessario ver e examinar os autos para fazer juizo certo na materia, e que n'esta se envolvia a questão se um louco que na realidade o era podia fingir-se naturalmente, e que das taes acções que o reo fez, assim como se podia inferir dolo e malicia no preso, podiam tambem attribuir-se a falta de discurso; e o dito physico-mor conveiu que podia acontecer que um louco se fingisse naturalmente sem que deixasse de o ser, mas persistindo que o tal José Antonio era velhaco.

«Perguntou onde estavam os maços das cartas do Conselho, dizendo que n'elles se achavam muitas resoluções em materias graves, que se tomavam no mesmo conselho e ordens que vinham á Mesa, e que para a sua vinda haviam ter tido os inquisidores algumas ordens, e o dito inquisidor lhe disse o logar em que estavam, conformando-se com o mesmo que Sua Majestade disse, mas não os pediu para os ler; e já da primeira vez que veiu á Inquisição falou n'isto mesmo.

«Depois que acabou todas estas praticas, sahio do Secreto para fóra, acompanhando-o o dito inquisidor, que, logo ao sahir, fechou a porta do mesmo com as tres chaves costumadas, e da Casa da Mesa foram alumiando o porteiro e alcayde dos carceres com duas tochas até ao meio da sala grande, e Sua Majestade n'este tempo foi abrir uma janella da mesma, pondo-se a ella; ali lhe perguntou o dito inquisidor se queria sahir pela porta principal da Inquisição ou pela do alcayde, por onde tinha entrado; e lhe disse que pela do alcayde; e foi logo andando e entrou pela porta dos carceres, e, indo pelo primeiro corredor, que vae ter á porta do alcayde, por onde se serve para os mesmos; e d'ahi foi até descer a escada, que tem serventia para a porta da rua, acompanhando-o sempre o dito inquisidor; aonde lhe beijou a mão; e Sua Majestade se despediu dizendo adeus como da primeira vez».

Assim terminou a segunda visita de D. João V á Inquisição de Evora.

Não se esqueceu o magnanimo Rei de remunerar, e generosamente, como era seu costume, o serviço que então lhe fizeram alguns dos empregados do terrivel tribunal d'aquella cidade, pois, accrescenta o curioso documento que temos lido:

«Mandou Sua Majestade por mão do dito notario Thomaz Feyo Barbuda dar as propinas seguintes: a cada um dos notarios dez dobras de três mil e duzentos; ao meirinho oito dobras; ao porteiro oito dobras; ao alcayde oito dobras; a cada um dos solicitadores sete dobras; a cada um dos guardas seis dobras; ao dispenseiro cinco dobras; a cada um dos homens da vara três dobras.

«Esta é a relação clara e individual (conclue o mesmo documento) de tudo o que Sua Majestade passou e fez nas duas occasiões em que veiu occulto a esta Inquisição. Como n'esta materia o dito inquisidor não fez estudo particular por sua eminencia lh'o não ter ordenado, assim poderá escapar-lhe alguma circumstancia digna de se

As manobras militares do Outomno

S. M. EL-REI D. CARLOS ASSISTINDO AS MANOBRAS DA 1.ª DIVISÃO

notar; e de tudo poderá dar cabal noticia o notario Thomaz Feyo Barbuda, por estar mais lembrado do que então se passou. Evora em Mesa 26 de Fevereiro de 1719».

Ramos Coelho.

De Lisboa a Aldegallega, Pinhal Novo, Setubal e Palmella

(Concluido do n.º 8 3)

13 de outubro. — De Aldegallega para o Pinhal Novo segue-se em carro pela estrada da Moita, ladeada até ao cabo da villa por edificações modernas, e depois por sebes ou vallados.

A estrada está pessimamente conservada, arruinada pelo espantoso transito das carretas que vem á villa carregadas de generos. Ao longo da estrada encontramos essas carretas cheias de uva vindimada; pelas vinhas avistam-se homens e mulheres vindimando. Deixamos á direita a estrada que vai ao porto da lama, e mais adeante a que, entre pinhaes, vai á ponte dos Cavallos e depois á Moita. Sempre a estrada construida em grandes alinhamentos rectos, em terrenos arenosos, cheia de covas. As moscas, attrahidas pela uva, cobrem o carro, os cavallos e o fato das pessoas. Começam a avistar-se os pinhaes, e entre elles um mais proximo, o que circumda a estação do Pinhal Novo. Esta povoação resume-se em pouco. Um vasto terreiro onde se faz a feira, e um renque de casas pequenas que se prolongam ao longo da estrada que segue para Setubal. Atravessamos a linha ferrea do Sul. D'aqui em deante a estrada mais bem conservada; menos transito. Pouco a pouco a paisagem vai mudando. A's vinhas succede-se a arborização que augmenta á medida que caminhamos. A estrada começa a descer e a apresentar panoramas mais extensos. Atravessamos o caminho que de um lado sobe para Palmella e do outro desce para a estação do mesmo nome. Começam os montados, olivedos e pinhaes, e mais adeante, por fim, os pomares.

Raras as habitações que se encontram desde o Pinhal Novo até Palmella. Mais adeante bifurca a estrada em duas: a da esquerda vai direita a Setubal, em Palhaes, junto á estação do caminho de ferro; a da direita segue para a baixa de Palmella, passa a ponte d'Azenha e vai a Setubal, desembocando na estrada de Azeitão, junto ao Campo de Bomfim.

Seguimos por esta e ao cabo de tres horas de caminho, chegamos á azinhaga que conduz á Quinta da Feia, defronte da Boa Vista.

Formosissima esta baixa de Palmella e todo o valle até Setubal! Que frondosa vegetação, onde se misturam todas as mais variadas especies da

UMA AVANÇADA DA INFANTARIA

A MISSA CAMPAL NO CAMPO DE SANTA CRUZ, EM VIZEU

SETUBAL — BRANCANNES

arboricultura. O annoso sobreiro, cujo tronco vermelho, foi despido da rendosa cortiça; as elevadas e frondosas nogueiras, os vimes flexuosos ondulando ao vento as suas compridas hastes, as oliveiras, em grande numero, os pinheiros coroando as alturas; em baixo nas planuras os pomares olorosos de laranja e de tangerina, as romanzeiras em flôr, os cannaviaes extensos, toda esta flora cobrindo o accidentado terreno e distribuida pelas quintas, pelas fazendas.

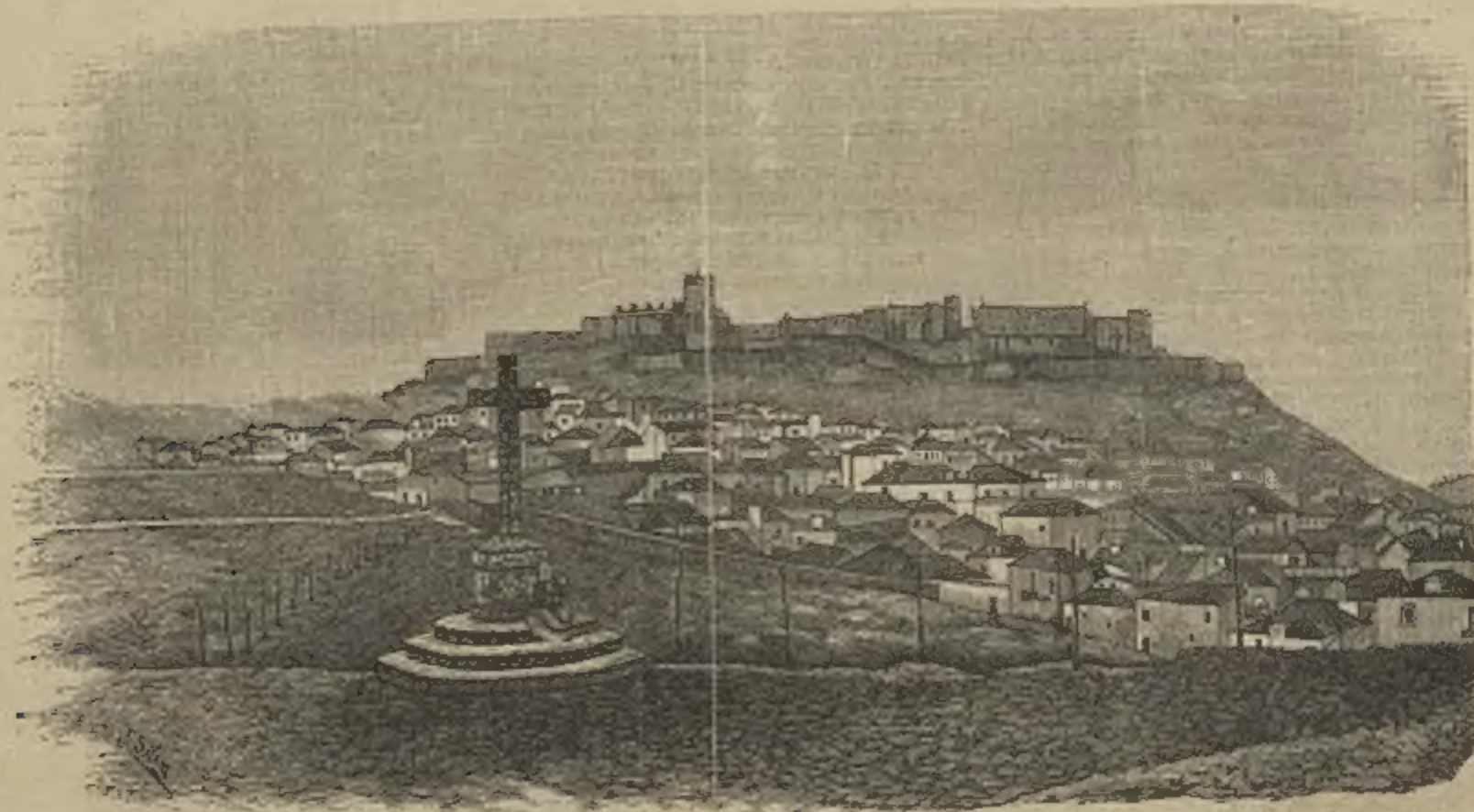
Desde a estrada nova que contorna o monte abrupto de Palmella e conduz ao castello, até Setubal, quantas quintas fidalgas, onde hoje vivem tranquillos abastados fazendeiros, entregues á serena labuta das suas culturas! Quasi todas representam antigos e ricos morgados extinctos; em muitas d'ellas lá estão a attestal-o os brasões senhoriaes esculpidos na verga dos portões.

A quinta da Feia tambem tem o seu brasão esculpido em pedra. Bonita esculptura. Pertenceu a quinta, segundo ouvi, aos morgados Guiões, em cuja familia houve 4 desembargadores.

Pertence actualmente, com outra adjacente, ao abastado lavrador e presidente da camara municipal de Aldegallega sr. Domingos Tavares, a quem obsequiosamente devemos a hospedagem.

14 de outubro. Da Feia a Setubal 3 kilometros de formosissima estrada, na maior parte do seu percurso sem muros.

A espaços bellas propriedades, as mais d'ellas deshabitadas. Entra-se em Setubal pelo Campo do Bomfim. Um sem numero de cavalgaduras, carroças e carros de bois transitam pela estrada, de Setubal e para Setubal.

Gente polida e affavel. Fomos ao convento de Jesus. Attrahe-me sempre, em Setubal, aquelle formoso templo manuelino, talhado em marmore brecha da Arrabida, hoje propriedade da Misericordia. A porta, principal, ao sul, como a dos Jeronymos (obra do mesmo architecto Botaca), a janella ao lado, sobre o cruzeiro, os bellos quadros, os mosaicos, os claustros lindissimos, são um encanto que não posso furtar me de contemplar sempre que visito a cidade, pela mesma forma que me é impossivel passar em frente dos Jero-

PALMELLA

nymos e deixar de penetrar no templo sempre que vejo abertas as portas do sublime monumento. Em cima, no edificio do antigo convento de Jesus, recentemente deserto pela morte da ultima freira, estabeleceu a Misericordia com grandes esforços pecuniarios as enfermarias do seu hospital, arejadas e limpas.

Segundo ouvi era riquissimo o archivo. Para Lisboa vieram bellos manuscriptos antigos com illuminuras. Para onde vieram? Chegariam ao seu destino? Ignoro-o.

Tambem para o Museu de Bellas Artes vieram alguns dos mais bellos quadros gothicos que ali se encontravam e d'elles pelo menos 4 figuram no catalogo, sob os n.os 882 a 885.

A proposito d'esta egreja cumpre referir um vandalismo que ouvi; havia alli um bello pulpito de pedra; em tempo levaram-no para a cerca onde esteve enterrado e substituiram-no por um pulpito de madeira.

A velha egreja de Santa Maria, que tambem visitamos, dividida em tres naves pelas columnas de pedra pintada e dourada, ostenta nas paredes lateraes os azulejos em azul e branco, recortados, com moldura polychroma. A capella-mór de bella talha, riquissimos pulpitos de marmore e no chão sepulturas rasas, com simples numeros que vão até 122. No cruzeiro ha muitas campas, cujos lettreiros gastos pelos pés mal podem ler-se. Apenas se decifram alguns. Cito ao acaso estes nomes: Bernardido Alves Peiva e Sousa 1746 — D. Diogo Vaz da Fonseca Homem — Padre Frederico dos Santos. — D. Thomé Dias Cordovil — Jorge da Cunha Coutinho. — Isto além dos que vejo citados nas monographias Setubalenses. O tecto é pintura em madeira, côres vivas. — Saindo e tornejando a egreja, encontram-se defronte da porta travessa umas portas ou arcos gothicos, com columnas de formosos capiteis.

Do lado opposto da egreja ha o antigo edificio do Corpo Santo (1714), hoje do municipio, onde se admiram soberbas obras de talha e bellos quadros.

Ha em Setubal outro portal gothico alem do da vetusta egreja de S. Julião, é o da egreja de S. João Baptista, em Palhaes, occulto sob uma galilé. O convento annexo foi a antiga praça de touros, que se acha em ruinas e pertence hoje ao sr. Venancio Torres.

Caminhando para o alto de S. Francisco, antigo convento de dominicos, passa-se a antiga porta de S. Sebastião, encravada n'um velho edificio e sobrepujada pelo brasão de armas, com corôa real, e por uma curiosa galeria com grades de tijolo no estylo arabe.

E' ocioso encarecer a belleza do rio Sado, em frente de Setubal, bem como o panorama admiravel das serras que limitam o horisonte a N. e occidente da cidade. Setubal e seus arredores tem sido o encanto de todos os visitantes.

Hans Christian Andersen, no seu livro de viagens, dedica a IV parte a esta cidade, sob o titulo — *Um mez em Setubal*. Menciona com elogio a quinta dos Bonecos, pittoresca residencia da familia O'Neil, o visinho convento de Brancannes, onde residiu Oliveira Martins, e hoje pertence aos Varatojanos para quem, segundo se diz, foi comprado pelo Patriarcha de Lisboa, os campos que achou lindissimos, as festas de Santo Antonio que o encantaram, as paizagens variegadas dos arredores de Setubal.

E finalisa dizendo:

«Lá nos valles virentes do Norte, com todas as antigas recordações, o meu pensamento voará a Setubal, a todos os amigos.» [1]

Antonio Feliciano de Castilho nas suas cartas, acerca do monumento a Bocage refere-se ao que lhe escrevêra o poeta dinamarquez: — «Solo providencialmente prendado de tudo e d'onde ainda ha dois dias (1867) um insigne poeta dinamarquez, o nosso amigo Andersen, estanciando ali depois de percorrida a Europa, me escrevia que tinha encontrado ao cabo o Paraiso Terreal.» [2]

De Setubal e seus arredores, além dos minguados artigos deficientissimos do *Diccionario Popular* e de Pinho Leal, cumpre mencionar as monographias especiaes — *Memorias sobre a historia e administração do municipio de Setubal* — do sr. Alberto Pimentel (1879); as annotações ao artigo Setubal do Portugal antigo e moderno, do sr. Manuel Maria Portella, distincto poeta e archeologo setubalense, uma das glorias da sua terra; os artigos e estudos do sr. Junqueiro, outro distincto poeta e archeologo de Setubal (publicados no *Archeologo*); e innumeras referencias e notas impressionistas de escriptores illustres portuguezes e extrangeiros. Entre estes ultimos citaremos o principe de Lichnowsky a pag. 113 da traducção do seu livro *Portugal em 1840*; — Henry L'Evêque no seu livro interessantissimo *Custom of Portugal*, ornado de riquissimas estampas; sir Oswald Crawford a pag. 277 do seu livro; o famoso Link — 1.º vol. pag. 342 a 344, descrevendo a sua viagem de Setubal á Comporta, rio acima; — o escriptor da visinha Hespanha sr. Modesto Fernandez y Gonçalez no *Portugal Contemporaneo*; — O conde de Carnarvon no *Portugal and Gallicia*; — e entre os nossos escriptores — Oliveira Martins (*Hist. de Port.* I pag. 43), — o sr. Alberto Pimentel (*o que anda no ar*, pag. 89 a 96) — o sr. Gabriel Pereira em numerosos artigos; Anaplio de Oliveira, poeta Setubalense, nos *Canticos Salinos*, — o sr. Fialho de Almeida nos *Gatos* n.º 34; — Alexandre Herculano — *A Arrabida (nos Poesias)*; o sr. Bulhão Pato — artigo nas *Artes e Letras* — 1872; e muitos outros.

De Setubal raro apparecem photographias representando qualquer dos tão variados panoramas da cidade e dos seus arredores, ou algumas das innumeras preciosidades archeologicas e artisticas de que toda a cidade de Setubal é um riquissimo museu. Apenas um photographo alli residente o sr. Kukembuch de Figueiredo, tentou em tempo lançar em publicação, por assignatura uma serie de photographias de Setubal. Essa publicação interessante suspendeu-se porém por falta de favor do publico, que em Setubal é em geral muito alheio a estas questões artisticas e litterarias, e hoje não se encontram facilmente essas mesmas reproducções dos monumentos e panoramas da formosa cidade sadina.

A Quinta da Feia, tem uma casa de habitação vasta, ao estylo da antiga habitação portugueza, uma varanda com arcos, larga escada de pedra para o terreiro de entrada, e separada do edificio, com porta sobre a azinhaga, uma pequena capella, profanada, onde ainda se veem uns bellos quadros de azulejos azues. Esta azinhaga extremamente pittoresca orlada de oliraes e de sobreiros, atravessa sinuosa a vasta planura, denominada a Varzea, que separa as duas estradas e vai desembocar na estrada do Pinhal-Novo, a Palhaes, junto a uma outra opulenta quinta, denominada dos Cypreştes. Os marcos de pedra que se encontram ao cabo d'esta azinhaga tem esculpidas as espadas de São Thiago. Indicam os dominios do antigo priorado dos freires de Palmella. Esse priorado extendia-se por toda a peninsula setubalense e vinha até Alcochete e Aldegallega. Na estrada de Palhaes, em frente do palacio da quinta dos Cypreştes, ha um bonito cruzeiro, que diz ter sido reedificado em 1729. O portão da quinta é tambem encimado por um brasão d'armas, e o palacio tem capella annexa.

---

16 de Outubro. Ascenção a Palmella e visita ao castello. Partindo da baixa de Palmella, passa-se pela Ponte d'Azenha, junto á fazenda da Hezelga. Nas guardas da ponte ha as seguintes inscripções:

JOANNES. MARIAE. I. REGINAE. FILIUS
PRINCEPS. CORDIS. AFFABILIS. HUMANUS
OMNIBUS. AMICUS. LUSITANICA. MODERATOR
CPIDEIS. HUNC. QUEM. CERNIS. PONTEM
INSPECTORE. FRANCISCO. TAVARES. ALMEIDA
FIERI. IUSSIT.
ANNO MDCCCV.

Armas de Palmella e por baixo:

PALMELLA.

Do outro lado da ponte, na outra guarda, lê-se:

VIATORES. ERGO. IAM. TUTO. IBUNT.
PERPETUAQUE. SECURITATIS. GRATIAM
HABEBUNT.
VIAÇÃO MUNICIPAL.

Passada a ponte, começa a subida pela abrupta encosta do elevado cerro, sobre o qual campeiam, quasi debruçadas sobre o abysmo, as grandiosas ruinas do antiquissimo castello onde, nos primeiros tempos da monarchia portugueza haviam estabelecido a sua séde primacial os Spatharios, os denodados freires da nobilissima ordem militar de Santiago.

Vamos pela estrada nova, que só para satisfação dos vis e torpes conloios eleitoraes se começou a construir, sem que porém até hoje tenha sido possivel obter-se a sua conclusão. Ha extensos lanços construidos, separados por barrocaes.

Chega-se á villa de Palmella, junto ao chafariz. Na villa ha a egreja, construcção do tempo de D. João V, onde recolheram os sinos da antiga freguezia de Santa Maria, que ficava dentro do Castello e hoje se acha na mais completa ruina. D'esta apenas restam uma velha e linda torre quadrangular, algumas paredes derruidas, uma sepultura aterrada nos entulhos e alguns bellos azulejos em uma casa ou capella lateral. A actual egreja matriz da invocação de S. Pedro é vasta e de tres naves, e das suas torres avista-se um bello panorama. Além da egreja, o edificio dos antigos paços do Concelho é de bom aspecto, com sua varanda sobre arcos, e ostenta ainda as armas concelhias. Hoje é a séde da philarmonica da terra.

A villa é muito populosa, alegre e sadia. Os habitantes trabalhadores e activos, occupam-se em geral da agricultura. Quasi todos tem seu lagar, sua fazenda e seus pinhaes. E' gente franca, e alegre; na villa realisam-se bellos arraiaes e procissões vistosas.

Vamos ao Castello, cujas ruinas, são o ultimo resto de tantas e tão vergonhosas depredações e vandalismos.

Não nos occuparemos a descrevel-o, sendo apenas nosso intuito fazer um esboço das impressões geraes.

Estas mesmas ruinas, miudamente exploradas e enumeradas, como base de investigações archeologicas e historicas ainda dariam grosso tomo de interessantissimas noticias.

Vejamos o panorama das ameias do velho Castello que dominava toda a Estremadura na sua alterosa posição. Os horizontes que d'alli se descobrem são lindissimos. E' um dos mais formosos e encantadores panoramas que em minha vida tenho visto. Pelo Norte extende-se a vasta planura até ao Tejo, passando a vista pelas diversas estancias de Rio Frio, Pinhal Novo, por entre as quaes serpeia a linha ferrea do Barreiro, e ao longe o Tejo, a capital com a sua cosarto, e a serra de Cintra no extremo horisonte descortinavel á vista desarmada. Para o norte extende-se a planura do Ribatejo, até Santarem, de onde os signaes telegraphicos como as antigas fogueiras ou almenaras de Palmella são perfeitamente visiveis.

Para poente a longa crista de monticulos, coroada de pinheiros novos e distanciados e dos antigos e pittorescos moinhos de vento, prolonga-se até á Quinta do Anjo, (com suas grutas prehistoricas), caminho de Azeitão. Para o sul d'esta cumiada extende-se o profundo valle dos Barris, onde se avista o renque de faias junto ao ribeiro que corre para as azenhas e moinhos de agua da baixa de Palmella.

Limitam o a poente a serra de S. Luiz, para além da qual fica Azeitão, e mais ao longe a Serra da Arrabida cuja falda opposta desce até ao mar. Pela encosta abrupta que fica por baixo das ameias do castello vê-se serpear a estrada nova em zig-zags e mais acima o caminho antigo, calçado de grandes pedras, de pessimo piso, a meio da qual ha um chafariz. Pela encosta abaixo ha umas tres ou quatro fabricas de tijolo e telha: — pequenas cabanas com seu terreiro. Lá em baixo, ao fundo da estrada algumas casitas, duas ou tres tabernas e um bonito largo, ensombrado de arvoredo, onde passa a estrada que vai para Setubal, orlada de bellas quintas, entre as quaes se avista a Feia que se extende até á outra estrada que vai entrar em Setubal junto a Palhaes. Esta estrada, de nivel mais elevado, é coroada a nascente por monticulos de areia vermelha, cobertos de pinheiros pequenos; do alto d'essas elevações avista-se o largo panorama do Sado, do braço norte d'este, que traz as aguas de Moura, a cidade de Setubal com a sua praça de touros, a egreja de S. Domingos, Bomfim, Brancannes, e castello de S. Filippe; para oeste a serra de S. Luiz, no alto da qual branqueja o Casal da Serra, e a meia altura a ermidinha branca de Santo Antonio da Serra, onde no dia do orago se faz vistoso arraial, o casal da Bella Vista e os antigos conventos arruinados de S. Paulo e dos Capuchos.

Por todas estas regiões alastram-se as vinhas, as hortas, os pomares, os montados extensos, os pinhaes. A mais variada arborização: as nogueiras, os vimes flexuosos, os marmelleiros, as oliveiras, os sobreiros, os pinheiros, as romanzeiras, os cannaviaes e os laranjaes. Nenhum gado se avista nas planuras; só algumas cabras nos montes.

Ao sul vê-se a grande e formosa bacia do Sado, a cidade de Setubal com suas lindas torres e campanarios, e na outra margem os areiaes de Troia, onde pacientes investigadores tem recolhido preciosos vestigios de uma povoação Romana — Cetobriga, a respeito da qual o sabio archeologo extrangeiro Emilio Hubner nos deixou eruditas no-

---

(1) V. *Gazeta Setubalense* n.º 334 de 17 de outubro de 1876, folhetim do sr. Gabriel Pereira.

(2) «Cartas do ex.mo sr. A. F. de Castilho e da Camara Municipal de Setubal a respeito do monumento de Bocage 1867.»

noticias, e que foi detidamente estudada pela *Sociedade Archeologica Lusitana*, d'entre cujos prestimosos membros se destacava o antiquario setubalense conego Manuel da Gama Xaro.

Na antiga egreja do castello, o templo dos freires, ha ainda 2 sinos, grandes, o de São Thiago e o da Senhora da Annunciada. Este ultimo chegou a ser vendido pelo governo porém o povo de Palmella oppoz-se violentamente a que d'alli o tirassem. O portal é de um gothico puro, e deante d'elle vê-se a sepultura do celebre dr. Diogo de Gouveia, que foi prior mór de Palmella.

O templo era revestido de azulejos, mas foram selvaticamente arrancados; só existem alli hoje das cimalhas para cima, onde a mão destruidora não poude chegar. A' porta da capella do Santissimo ha duas campas com inscripções em formosos caracteres gothicos, com a data de 1560. Uma é a sepultura de Pedro Lopes de Goes, fidalgo da casa do mestre de Santiago, duque de Coimbra, filho natural de D. João II. No meio do cruzeiro da egreja ha uma campa partida e em uma capella lateral ou edículo, vê-se um mausoleu de marmore da Arrabida, contendo ossadas, e cuja tampa está partida e levantada. Diz-se que este mausoleu encerra os ossos de D. Jorge, filho de D. João II e ultimo mestre da Ordem. (¹)

O convento ficou completamente destruido, reduzido a paredes calcinadas pelo fogo. Nada alli faltou! — roubos, violencias, incendios que tudo levaram e destruiram. As portas do refeitorio foram para o palacio da Pena.

Antigamente, no dia de S. Thiago, havia grande festa no castello. Ainda hoje vão alli bailar e cantar, nas esplanadas, no sabbado de Alleluia, os rapazes e raparigas de Palmella.

Victor Ribeiro.

UMA VALSA DE STRAUSS

(Concluido do numero 853)

No dia immediato, ao levantar-se o grão duque, pediu o senhor de Ebersdorf ao seu soberano permissão para casar-se com a senhora de Frankenthal, e um emprego fóra dos seus estados; e quatro dias depois, verificado o casamento deante de toda a côrte, partiu Frederico com uma commissão especial para S. Petersburgo, levando comsigo sua mulher e as suas credenciaes.

II

O anno seguinte foi fecundissimo em acontecimentos importantes para a cidade de F... O casamento do principe herdeiro com uma princeza de sua deu logar a grandes festejos e á fundação de uma ordem de merito civil, que pôs em inquietação todos os conselheiros do ducado. O mestre de capella da côrte fugiu com a *prima donna* do grão duque, causando enormissimo escandalo. O monteiro mór cahiu da graça de sua alteza por ter dicto que Napoleão era homem de genio; e a senhora de Wolkenstein achava-se gravemente enferma de um mal desconhecido para os medicos do grão duque: alguns opinavam que se constipara no casamento do senhor de Ebersdorf, porque depois da cerimonia foi atacada de convulsões que duraram tres horas e de uma febre quasi incessante que a obrigaram a estar de cama seis semanas; e como depois d'este tempo continuava a soffrer crueis ataques de nervos, em que levava a mão ao coração, querendo arrancal-o com gesticulações delirantes e convulsivas, julgaram os facultativos que o mal procedia de uma extrema sensibilidade e de algum tormento que a pobre senhora occultava no peito. Desde logo lhe foram prohibidas quasi todas as diversões em que podia receber alguma commoção, e muito particularmente a da valsa, por haver-se achado quasi á morte depois de uma que dansou no casamento do principe.

Decorrido um anno, como se disse, tornou a effectuar-se o grande baile de S. Silvestre, ao qual concorria toda a côrte, e Frederico de Ebersdorf e sua esposa, chegados havia tres dias de S. Petersburgo. Ottilia, mais prostrada que nunca, teve que ficar na cama, onde a grã duqueza, antes de passar aos salões, lhe encheu de beijos a preciosa fronte cahida n'um somno profundo.

Uma harmoniosa e animada valsa convidava os pares mais brilhantes da côrte, e o senhor de Ebersdorf aguardava impaciente que o grão duque acabasse de demonstrar o famoso plano de uma caçada aos coelhos que projectava, para correr a buscar o seu par, quando de repente se notou um movimento geral: a musica interrompeu-se; parou a dansa, homens e mulheres agruparam-se, e no meio d'esta confusão viu-se apparecer uma mulher vestida de branco que, atravessando o salão, se dirigiu ao senhor de Ebersdorf e lhe disse com voz doce e encantadora:

«Frederico vem valsar: valsaremos juntos esta vez.

«Ottilia! foi só o que o conde póde articular, afastando-se, como assombrado, de ver em espectro deante de si.

«Por Deus, senhor conde, disse o medico de sua alteza que examinava, attentamente, a senhora de Wolkenstein, não a contrarie, faça o que ella quizer, porque se a accorda pode matal-a: está a dormir.

Frederico era immovel a contemplar aquella phantasma que se lhe apresentava como uma triste e amarga recordação do passado; aquella soberba creatura abatida pela desgraça, arruinada pelo soffrimento; os seus grandes olhos azues como attrahidos por um objecto invisivel; a sua regia e majestosa fronte onde pareciam estendidas as azas sombrias do anjo da morte; aquella orgulhosa Ottilia que, branca, pallida, inanimada como uma bella estatua de marmore, vinha em seu somno visitar o campo das suas antigas victorias; e ao sentir o gelo d'aquella mão que lhe apertava a sua, lhe parecia que tudo era um sonho, uma illusão, uma cousa horrivel de mais para ser verdade.

«Vem Frederico, repetiu Ottilia, que esperas?

O conde seguiu-a machinalmente, e a valsa começou. Leve como o ar perfumado pelas flôres, vaporosa como uma sombra sahida dos tumulos, Ottilia voava sobre o pavimento sem que ninguem pudesse perceber o ruido dos seus passos.

Terminou a valsa.

«Aqui faz muito calor, vamos tomar ar, disse ella, conduzindo Frederico á varanda principal, d'onde se viam os jardins do castello.

A terra repousava debaixo do manto virginal da neve ao pallido resplandor da fria luz do inverno, que matizava de azuladas sombras aquella silenciosa magnificencia; tudo calava no céo e na terra, até o vento dormia sobre os ramos desfolhados das arvores, sem que a natureza exhalasse um suspiro sequer para revelar a sua melancholia.

«Que profunda tranquillidade reina n'estes sitios! disse Ottilia, fazendo sentar Ebersdorf a seu lado. Vês, Frederico, aquelles salgueiros solitarios á borda do lago? E não ouves Desdemona e Ophelia que choram á sua sombra? Ah! Frederico, eu tambem tenho chorado, tenho chorado durante um anno! tambem tenho soffrido! Mas não era necessario soffrer para comprar a felicidade que gozo n'este momento? Que sublime cousa é a felicidade! Em minha dôr, Frederico, crel-o has? amaldiçoei Deus... e agora sou ditosa! Deus entrou na minha alma como uma torrente de deslumbrante luz. Santa religião do amor! Prostro-me deante de ti, e em tuas aras ouço os celestes córos dos anjos, e vejo as portas da vida eterna abertas para mim!... Frederico! meu bem! põe a mão no meu coração: sentes este coração que estava tão doente? lançava-se sempre para ti; mas tu estavas muito longe! agora... oh! agora está tranquillo, porque já estás a meu lado.

«Miseravel! insensato! exclamou o conde, esquecendo na violencia da desesperação as precauções do doutor; tudo se acabou! a minha felicidade, o meu porvir, a minha vida! perdidos, perdidos para sempre! tudo sacrificado ao infame orgulho!

«Orgulho! repetiu Ottilia pausadamente... por elle tanto tenho soffrido! o orgulho... e depois os ciumes! Sim, Frederico, os ciumes devoravam-me; porque dansastes com ella? não vias que me despedaçavas o coração? E as rosas que me deste? onde estão? Ah! parece-me que ainda respiro o seu alento perfumado! E aquelle beijo! Frederico, negar-te eu aquelle beijo! Se soubesses o que eu sentia!... Dize-me Frederico, amas Henriqueta? responde-me: amaste-l'a alguma vez?

«Nunca, disse o conde.

«E a mim, amaste-me sempre?

«Mais que a minha vida, respondeu, occultando o rosto entre as mãos.

«Que futuro de amor e felicidade se abre para nós! exclamou Ottilia; sim, atravessaremos a vida, apoiados um no outro... Meu Deus, quanto sou feliz agora!

E cessou de fallar, deixando cahir a cabeça no peito do conde: os labios agitavam-se-lhe brandamente, posto que nenhuma palavra se lhe ouvia, e os olhos, abertos ainda, pareciam participar da anniquilação em que a sua alma se achava. Assim permaneceu até que se ouviram as primeiras notas de uma valsa de Strauss; então levantando-se de repente, e tomando o braço ao sr. de Ebersdorf:

«Ouve-l'a? exclamou, a valsa da meia noite, Frederico, a mesma valsa do anno passado! a *Gabriela*, a minha valsa predilecta: vem, dansal-a-has commigo... sempre commigo!

E precipitou-se no meio do salão, valsando com uma especie de furor, sem parar uma unica vez, como impellida por um torvelino — depressa! gritava, mais depressa! — sem que a musica nem o mesmo Frederico pudessem já seguil-a n'aquella valsa desesperada, quando soou a primeira badalada da meia noite: então, extenuada e desfallecida, cahiu nos braços do conde, e com voz agonizante gritou:

«Aquelle beijo!... Frederico, aquelle beijo que te neguei! Ah! toma-o, toma-o!

«Ottilia, vida minha, minha unica amada! exclamou Frederico fóra de si, estreitando-a ao peito e sellando-lhe os labios com apaixonados beijos.

Um grito espantoso sahiu da bocca de Ottilia, que se arrancou violentamente dos braços do conde.

E cahiu a seus pés sem movimento.

«Que fizestes, conde? gritou o grão duque; accordaste-l'a!

«Passou o perigo, disse o doutor; já ninguem a despertará.

Franz.

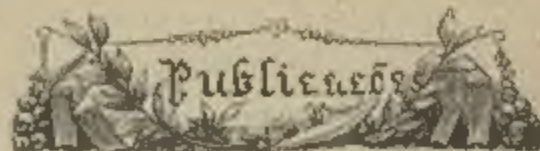
METEOROLOGIA

Setembro de 1901

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céo	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
11	761,6	22,4-17,0	Nublado	SSW	0,0
12	763,2	22,1-17,1	»	SW	0,1
13	764,4	22,1-16,1	Alg. Nuvens	NNW	1,7
14	764,5	24,3-16,0	» »	NW	0,0
15	765,3	26,2-15,5	» »	N	0,0
16	763,2	27,1-16,4	P. Nublado	NNE	0,0
17	763,1	26,7-16,5	Nublado	E	0,0
18	761,5	20,0-16,9	Alg. Nuvens	NW	0,0
19	763,4	25,3-17,0	P. Nublado	NE	0,0
20	766,4	26,0-17,3	Alg. Nuvens	»	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Algumas chuvas cahiram no reino, de 11 a 13, sobretudo no norte do paiz. Em 11, a chuva foi de 69mm,0 no Gerez e de 39mm,0 no Porto. Em Vianna do Castello e outros pontos da provincia de Traz os Montes as chuvas torrenciaes produziram inundações a partir de 15 e com viração do vento para o quadrante NE, augmentou sensivelmente a temperatura, que subiu um pouco acima do normal, conservando-se sempre a este nivel até 20, com pressão relativamente alta (max. em 20: 766mm,4).

Recebemos e agradecemos:

Annuario da *Universidade de Coimbra — Anno lectivo de 1901-1902 — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1901.*

Logo no principio do anno nos visitou o livro a que hoje temos ensejo de nos referir. Divide-se elle em tres secções, pelas quaes se distribuem as materias da seguinte fórma:

I — Calendario ecclesiastico e academico — Oração *de Sapientia* pelo dr. José Joaquim Fernandes Vaz, decano de direito — Allocução do E.mo Reitor — Correspondencia com a universidade de Glasgow.

II — Universidade de Lisboa — Coimbra — summula historica — Relação dos reitores desde 1537 até ao fim do seculo XIX — Idem dos reformadores e visitadores — Relação dos doutores graduados durante o seculo XIX — Diversos mappas, etc.

(¹) A *Historia genealogica* refere que D. Jorge determinava em seu testamento ser enterrado em Palmella, mas não se sabe em que logar o sepultaram, nem apparece o epitaphio que elle ordenava lhe puzessem. Tomo II, pag. 3 e 32.

REGATA LEIXÕES-CASCAES — O YACHT «LIA» DE S. M. A RAINHA D. AMELIA
VENCEDOR NA CORRIDA DE 1.ª CLASSE

III — Edificio da Universidade — Organisação actual

IV — Pessoal universitario, etc., etc.

Por este resumo se pode avaliar do interesse do livro, deliciosamente illustrado com uma photographia dos edificios centraes da Universidade. São muito apreciaveis a summula historica do antigo estabelecimento litterario portuguez, que conta já 613 annos, reputando-se a fundação em Lisboa no anno de 1290. Egualmente curiosas são a relação dos reitores, em que se encontram preciosas indicações, a dos reformadores e visitadores e a dos doutores graduados no seculo XIX.

Casa com duas portas é má de guardar — *Comedia em verso em 4 actos de Calderon de la Barca, accommodada á scena portugueza por Francisco Serra — 2.ª edição — Lisboa 1901.*

Esta segunda edição da versão portugueza da celebre comedia hespanhola vem precedida dos juizos criticos de Pinheiro Chagas e Julio Cesar Machado, de cartas do ministro de Hespanha Fernandes de los Rios, duque de la Torre, José de Sousa Monteiro e de varias apreciações da imprensa periodica. E', pois, obra já julgada por illustres escriptores aquella de que hoje noticiamos o apparecimento da sua segunda edição; e os juizos formulados não podem ser nem mais lisongeiros para o sr. Francisco Serra, nem mais justos para com o merecimento do trabalho. Calderon de la Barca é indubitavelmente um dos maiores poetas do reino visinho, de linguagem lyrica, apaixonada, colorida e vehemente. Todos esses brilhantes predicados scintillam na traducção portugueza. A formosa comedia revela o maravilhoso engenho do poeta hespanhol, com as mil complicações, peripecias, e interessantes situações, que a tornam um modelo no genero.

Vem ainda n'este volume uma peça em tres actos original do sr. Serra — *A Mocidade de Nun'Alvares*, na qual o auctor mostra o bom conhecimento que tem da lingua patria, da sua harmoniosa versificação e das exigencias da scena, que tanto impedem no difficil genero da litteratura dramatica.

Pro Justitia *por José Joaquim Fragoso — Typographia da casa Luso-Franceza Nova Goa — 1902.*

Em nitida edição, que faz honra aos prélos de que sahiu, publicou o sr. José Joaquim Fragoso, de Diu, o poema *Pro Justitia*, que se compõe do prologo e dos cantos *Cem contra um — Pastora transvaaliana — Os inimigos da paz — O feld cornet Mey r — Progresso — Pirata chinez — Echos do Tugela — Murmurio.*

Em todas estas composições vibra um intenso espirito de justiça despertado pela lucta gigantesca de que foi theatro a Africa do Sul. O poeta, que se declara *um simples amador do verso e da poesia*, flagela com vehemencia as atrocidades da guerra anglo-boer e dos russos contra os chins. Inquestionavelmente as poesias do sr. Fragoso revelam um estro inspirado e apto para composições de maior folego.